

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO
DISCIPLINA: HT 193 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O CIRCUITO POLONÊS DO OESTE DE CURITIBA
ALUNO: LUCIANO BLASZKOWSKI**

**CURITIBA
2005**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO
DISCIPLINA: HT 193 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O CIRCUITO POLONÊS DO OESTE DE CURITIBA
ALUNO: LUCIANO BLASZKOWSKI

Trabalho de apoio teórico ao livro reportagem Em Busca da Polônia Perdida, ambos elaborados na disciplina de TCC II, como requisito para a graduação em Comunicação Social - Jornalismo, sob orientação do professor Oswaldo Santos Lima.

CURITIBA
2005

Obrigado a Deus, que pôs duas grandes pessoas em meu caminho: Rodrigo Calatrone Paiva e Érica Rodrigues.

Obrigado a estes dois amigos meus, pela disponibilidade e paciência para passarem horas revisando meu trabalho, nos mais diversos aspectos.

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO.....	5
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1. Bibliografia prévia sobre os bairros da região do Passaúna.....	7
2. Sobre o livro-reportagem em geral	
2.1. Brevíssimo histórico das relações entre Jornalismo e Literatura, no mundo e no Brasil.....	13
2.2. New Journalism.....	17
2.3. A diferença entre notícia e reportagem, e tipos de reportagem.....	19
2.4. O que é o perfil e qual sua função na narrativa jornalística	23
2.5. Tipos de livro reportagem, conforme PEREIRA LIMA (1993)	26
2.6. Liberdades características do livro reportagem.....	31
2.7. Principais técnicas de captação.....	36
2.8. Tipos de tempo: de curta, média, e longa duração	38
3. Aspectos gráficos de <i>Em Busca da Polônia Perdida</i>	40
4. Construção textual do livro-reportagem <i>Em Busca da Polônia Perdida</i>	45
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

RESUMO

Este trabalho fornece apoio teórico para o livro-reportagem *Em Busca da Polônia Perdida*, que é um retrato, a partir de casos particulares, da situação de dois bairros de origem colonial polonesa do oeste de Curitiba, São Miguel e Riviera. O trabalho aborda: a bibliografia anterior sobre a história da imigração polonesa para o Brasil e a história das colônias do extremo oeste de Curitiba, o que outros autores escreveram sobre estes bairros sem cunho marcadamente histórico, e a fundamentação teórica existente a respeito do livro-reportagem.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo, mostrar como as diferentes técnicas usadas na elaboração de um livro-reportagem contribuem para a produção de uma obra que retrata a história antiga e recente de regiões que já foram um cinturão de colônias organizadas, ao redor do rio / represa do Passaúna, e hoje, estão num estado híbrido entre a “cidade” e a “colônia”. Entre parênteses, “cidade” é a malha urbana de um município, espacialmente constituída. E “colônia” é o conjunto de tradições culturais importadas do campesinato, conjugado com a condição de obter sua subsistência de atividades agropecuárias.

O trabalho primeiramente aborda a bibliografia já existente sobre a imigração polonesa para o Brasil e sobre aspectos históricos, geográficos e sociais, dos bairros de origem colonial polonesa do extremo oeste do município de Curitiba. E faz uma rápida passagem por materiais publicados por outros autores sobre a região do Passaúna. Depois disto, é analisado o livro-reportagem nos aspectos: história, tipos de livro-reportagem existentes, explicando como *Em Busca da Polônia Perdida* é articulado em relação ao universo dos livros-reportagem. Por ultimo, são abordados os aspectos gráficos da produção do livro-reportagem *Em Busca da Polônia Perdida*.

O livro-reportagem é dividido em “Plataforma de Embarque” e seis “Estações”. A “Plataforma de Embarque” é dividida em três partes: história da imigração polonesa para o Brasil, aspectos geográficos dos bairros abordados na obra, e história das colônias polonesas na região do rio Passaúna.

A narrativa do livro-reportagem que é abordado na presente fundamentação teórica é iniciada pela história da imigração polonesa para o Brasil e do estabelecimento das colônias polonesas no extremo oeste do município de Curitiba, e realiza um salto para o presente (2005), usando como única ponte entre o início da história destes bairros e o tempo atual, as memórias reunidas pelos entrevistados. Este livro-reportagem também aborda o estado de manutenção das tradições polonesas por parte de pessoas que apenas procederam de colônias da região do rio Passaúna, mas já não moram nestes locais. Além da questão da manutenção das tradições polonesas, o livro também abordará o relacionamento entre os moradores de São Miguel e Riviera e o poder público (principalmente a Prefeitura Municipal de Curitiba).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Bibliografia prévia sobre os bairros da região do Passaúna

Este tópico aborda a bibliografia previamente existente sobre as colônias polonesas do oeste de Curitiba, faz um comparativo entre elas, e justifica a importância do livro-reportagem *Em Busca da Polônia Perdida*.

Os principais livros que tratam da história e transformações das colônias polonesas do oeste de Curitiba, bem como da história da imigração polonesa para o Brasil, são:

Orleans – um século de subsistência, escrito por Ruy WACHOWICZ em 1976;

Tomás Coelho – uma comunidade camponesa, do mesmo autor e ano;

Estes dois livros fazem apenas uma rápida contextualização da situação do Brasil e da Polônia na época da imigração, e centram sua abordagem na história das colônias que dão nome às obras. Contam com farto apoio de cartas e documentos da época. Mas a abordagem deles não se estende até o ano de publicação dos mesmos, e as fotografias não estão integradas ao texto. Aparecem como um anexo num trabalho acadêmico. Porém, caracterizam-se por ter uma linguagem que está mais para um híbrido entre coloquial e culta (portanto, adequada ao leitor comum), que para a linguagem do pesquisador de ciências humanas. Na apresentação dos elementos textuais, há equilíbrio na apresentação de texto corrido e das várias citações e notas de rodapé. Estas ficam ao pé das páginas às quais estão atreladas. E aquelas, estão integradas ao corpo do texto, mas com uma tipologia menor, que evidencia seu caráter de citações.

Os capítulos são divididos apenas por assunto, ao contrário de *Em Busca da Polônia Perdida*, onde existem três divisões hierarquizadas: entre “Plataforma de Embarque” e “Estações” (onde estas fazem referência ao contexto atual, enquanto aquela aborda a história da imigração e da fundação das colônias); entre as diversas “Estações” (visitadas em datas diferentes), e entre os subcapítulos das “Estações” (onde, aí sim, existe uma divisão por temas, parecida com a que existe nas obras de WACHOWICZ, 1976).

O Camponês Polonês no Brasil, do mesmo autor, de 1981. Como os dois livros citados acima (WACHOWICZ, 1976), este também tem farto apoio por cartas e documentos da época. Mas não tem um capítulo de fotografias, como os dois anteriores. Na verdade, apresenta fotografia apenas em sua capa. Mas se diferencia os outros dois livros de WACHOWICZ (1976), por contextualizar amplamente o Brasil e a Polônia no período da imigração polonesa. Estes três livros de WACHOWICZ têm grande importância, na medida em que os segmentos históricos da “Plataforma de Embarque” se constituem de fatos históricos apresentados na forma de notícias publicadas em um imaginário jornal curitibano, “O Observador Onipresente”, existente na época da imigração polonesa e nas primeiras décadas de povoamento polonês em Curitiba.

Cadernos do Patrimônio – A represa e os colonos, composto pela Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, em 1986. Esta obra passa rapidamente pela história da imigração polonesa para o Brasil. Aborda um pouco mais profundamente, diversos aspectos das tradições ainda cultivadas na época (1986) pelos colonos de Tomás Coelho (colônia localizada principalmente em Araucária, mas com uma pequena porção em Curitiba, correspondente ao bairro de São Miguel).

Mas a ênfase desta obra é na arquitetura ao longo das gerações de colonos, detalhe que não é uma das prioridades de *Em Busca da Polônia Perdida*. Como diferencial positivo, este livro traz a discussão a respeito do modo como os colonos foram (não) ouvidos quando da implantação da represa do Passaúna, e farto apoio em fotografias, muitas delas coloridas.

A elaboração desse livro conta a participação de 11 pessoas nominadas, e alunos do 3º ano de Arquitetura da PUC (Pontifícia Universidade Católica), antigos alunos que hoje, talvez já estejam vendo seus filhos pensarem onde irão fazer a faculdade, já que essa obra foi feita há 19 anos. Entre as pessoas nominadas, estão quatro descendentes de poloneses. Entre estes, João e Teresa Urban, irmãos que também compuseram a obra *Tu i Tam – Poloneses aqui e lá*. A estruturação gráfica de *A represa e os colonos* mostra equilíbrio no convívio entre texto e fotografias, mas na obra *Em Busca da Polônia Perdida* se buscou desenvolver melhor os textos da legenda, que são extremamente sucintos em *A represa e os colonos*. No estudo arquitetônico que faz parte dessa obra, faltou conectar as plantas baixas com as fotografias das construções correspondentes. Mas esta observação quanto às plantas baixas, não faz diferença para *Em Busca da Polônia Perdida*, já que este livro-reportagem quase não menciona a parte arquitetônica.

Entre 1986 e hoje (2005), dois livros que abordaram a região do rio/ represa do Passaúna foram *O Urbanauta* e *Tu i Tam – Poloneses aqui e lá*, este baseado nas fotografias, e aquele, um livro-reportagem-viagem. *O Urbanauta* é um livro-reportagem viagem de Eduardo FENIANOS, que retrata a viagem deste pelos rios e ruas do município de Curitiba. O enfoque deste livro é estritamente pessoal, e pouco informa sobre aspectos geográficos os bairros visitados. Mas ele descreve detalhadamente seu convívio com os descendentes de colonos.

Aliás, boa parte desse trabalho de FENIANOS é um relato de seu convívio com pessoas tão diferente entre si, quanto os colonos do Passaúna, integrantes de uma comunidade *punk*, e habitantes de uma favela.

Na verdade, a região de povoamento colonial polonês do rio Passaúna foi apenas um dos vários locais visitados por FENIANOS, que nesta obra, narra uma viagem de caiaque pelos rios do município de Curitiba, e de jipe pelas ruas do município. Como diferencial positivo, este livro tem a descrição das paisagens visitadas (como uma compensação pela ausência de fotografias), e do contato de FENIANOS com os entrevistados, contato amplamente caracterizado pela observação participante. Na observação participante, o observador é aceito nas atividades de uma comunidade, e coleta dados a partir de todas as experiências observadas, e não apenas através de entrevistas.

Mas parte do acervo fotográfico que FENIANOS juntou sobre a região está na *Coleção Bairros de Curitiba – Orleans, São Miguel, Augusta, Riviera – A Polônia Curitibana*, editado em 2000. Esse livro está estruturado em três partes. Na primeira, é feita uma breve apresentação das características geográficas dos bairros tematizados naquele exemplar, com mapas de ruas e demográficos, e listagem das linhas de ônibus que dão acesso à região. Depois é feita uma exposição fotográfica, complementada por texto, contando a história da região. Se absolutamente todas as fotos históricas são em preto e branco, é difícil saber. Mas assim estão apresentadas, mesmo uma foto de 1975, e recortes de jornais de 1986 e 1990. Por último, está a apresentação de fotografias recentes da região, com cenas de trabalho na lavoura, convívio familiar e paisagens.

Tu i Tam – Poloneses aqui e lá é um livro de fotografias de João e Teresa URBAN, e também foi escrito em 2004, baseado em fotografias registradas ao longo de mais de 20 anos. Este livro mostra principalmente, cenas familiares e arquitetônicas, em Tomás Coelho (Araucária-Curitiba) e na colônia Santana (Cruz Machado), e também tem poucas informações não visuais sobre os locais abordados. Dá ênfase às fotografias.

Chama a atenção a integração da decoração natalina com os quadros religiosos das “Santas Salas” (salas que pela profusão de itens religiosos, se tomam quase verdadeiras capelas domésticas) em fotografias paranaenses de 1987. Em uma foto do sul da Polônia, de 1988, também fica patente o “orgulho santo” que o polonês tem da sua religião: aparece uma imagem de Nossa Senhora numa janela, sobrevivente de quatro décadas de comunismo (que naquela época, já agonizava no Leste Europeu).

A obra *Em Busca da Polônia Perdida* até pôde abordar a questão da profusão de itens religiosos na decoração, mas não pôde fazer isto no tempo do Advento (as quatro semanas anteriores ao Natal), em virtude do trabalho de reportagem ter sido concluído ainda em novembro. Em 1986, quando foi publicado um trabalho sobre Tomás Coelho (ver “Cadernos do Patrimônio” nas referências bibliográficas), as tradições ainda estavam relativamente bem guardadas em São Miguel, mantendo uma espécie de diálogo com os elementos de urbanidade que já tinham chegado à região. Nos últimos 20 anos, o êxodo parcial dos descendentes de imigrantes poloneses (tanto os que foram atraídos pela “cidade” de Curitiba quanto aqueles que foram afugentados pela implantação da represa), a progressiva “chacarização” das proximidades do Passaúna e a morte de muitos dos que detinham as tradições, fizeram com que estas regiões, embora não possam ser enquadradas como partes plenamente integrantes da “cidade” de Curitiba, também não possam mais ser consideradas como “colônias”.

Hoje a região colonial do Passaúna, em Curitiba, é algo como um híbrido entre a colônia propriamente dita, e a “cidade”. O fato de já se passarem, aproximadamente 30 anos desde a implantação da Cic (Cidade Industrial de Curitiba) e cerca de 20 anos desde o alagamento da represa do Passaúna faz com que o impacto destes fatos possa ser avaliado de maneira mais madura. Além isto, em 2006 será o 130º aniversário de fundação das colônias polonesas na região do Passaúna.

Tudo isto torna oportuna a publicação de *Em Busca da Polônia Perdida*, que aborda o convívio entre “cidade” (características urbanas) e “colônia” (características culturais rurais) e o impacto da Cic e da represa para os habitantes da região da represa do Passaúna.

2. Sobre o livro-reportagem em geral

2.1. Brevíssimo histórico das relações entre Jornalismo e Literatura, no mundo e no Brasil

Este tópico descreve como dois autores (Ernest Hemingway e Euclides da Cunha) se relacionaram simultaneamente, com a esfera literária e com a esfera jornalística. E mostra como são fluidas as fronteiras entre História e Jornalismo, assim como as fronteiras entre Ciências Sociais e Jornalismo.

OLINTO (1968, p.82) cita os livros de crônicas escritos nas idades Antiga e Média, como ancestrais do Jornalismo. Isto porque, nestas narrações, o público leitor da época tinha informações sobre o cotidiano e as novidades, contadas dentro do conceito de atualidade que os meios de transporte e comunicação permitiam na época; e em linguagem relativamente objetiva, no sentido de expor os fatos, adjetivando-os o mínimo possível. Ou seja, as notícias eram relatadas com o menor uso possível de adjetivo, e eram difundidas da maneira mais rápida que as tecnologias de comunicação e transportes o permitiam: “A crônica de uma viagem, de uma aventura, de um acontecimento, teve um início consciente na Grécia, onde, para o homem dos tempos modernos, começaram todas as artes. Durante a Idade Média, a crônica foi o método usual de alguém contar, às gerações mais próximas, os pormenores de um empreendimento, de uma comunidade. Os monges escreviam sobre os acontecimentos que envolviam a vida dos conventos, com pormenores curiosos, edificantes ou trágicos, contados numa linguagem mais ou menos desapaixonada, numa linguagem que, aperfeiçoada, é a do jornalismo moderno. (grifo meu)”

É interessante notar que ali, a linguagem desapaixonada (ou seja, aparentemente desvinculada de uma angulação parcial) é considerada pré-requisito para uma linguagem tida como jornalística. Mas como PEREIRA LIMA (1993) declara na página citação 39 desta fundamentação teórica, a angulação isenta já não faz parte dos pré-requisitos de uma obra jornalística. Mesmo em citações de SODRÉ e FERRARI (1986) nas páginas 10 e 11), o tratamento da linguagem de maneira não tão objetiva, já é contemplado ainda no plano de notícias e reportagens de periódicos, que estão supostamente num patamar de objetividade bem maior que o do livro-reportagem.

Cf PEREIRA LIMA (1993, pp. 140-1) vários escritores europeus de ficção do século XIX se destacam na descrição de ambientes e costumes dos seus países: Honoré de Balzac (França), Charles Dickens (Inglaterra), Dostoievski e Tolstói (Rússia). Pela qualidade destas descrições, o rigor usado na observação destes costumes e ambientes pode ser classificado como adequado para a produção jornalística. Bem como as próprias descrições feitas a partir de tais observações.

Tanto em Edvaldo PEREIRA LIMA (1993) quanto em OLINTO (1968), se encontram menções a Ernest Hemingway. PEREIRA LIMA (1993, p. 144) enfatiza como o Jornalismo aperfeiçoou as técnicas de captação e a escrita de Hemingway, que sempre teve a Literatura como fim último: “ia buscar no jornalismo tanto o aperfeiçoamento dos processos de captação quanto a lapidação da sua técnica de expressão... mas ainda assim o jornalismo era o primo pobre do olimpo literário. Poderia ser utilizado, mas não seria o fim em si mesmo de um escritor que se prezasse.”

PEREIRA LIMA vê *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, como mero aprofundamento de um trabalho inicialmente feito para *O Estado de São Paulo*, enquanto OLINTO (1968, p. 84) enxerga a obra inteira como propriamente jornalística, pela sua capacidade de retratar a realidade física e humana da região de Canudos: “Atentemos tem para o fato de que a obra de jornalismo não é exclusivamente aquela escrita para jornal. Jornalismo é uma condição interior da obra, uma tentativa de descrição, um relato, um exame, uma aproximação direta com a realidade. Euclides da Cunha publicou capítulos de *Os Sertões* em jornal, porque eram reportagens. Mas poderia não o ter feito e a obra continuaria sendo intrinsecamente jornalismo.”

E agora, o posicionamento de PEREIRA LIMA (1993, pp. 163-4): “Não importa muito, do ponto de vista da observação de um processo no tempo histórico, que *Os Sertões* não sejam um livro-reportagem no sentido estrito do termo. Importa que tenha exibido algumas importantes possibilidades ao tratamento jornalístico.”

No Brasil, na década de 1960, surgiu a revista *Realidade*, publicada pela Editora Abril. Se ela tinha como defeito freqüente, a visão de um fato por apenas um ângulo - “percebe-se que muitas matérias não apresentavam uma visão multiangular de um problema, apenas exibiam a questão sob uma única perspectiva” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 170) -, trouxe varias inovações: a fotografia passou a ser tratada como forma de expressão em si, e não como ornamento do texto - “Não é apenas o signo verbal. É também o ícone. Mas não apenas para ornamentar. Não apenas para acompanhar o verbo” - (PEREIRA LIMA, 1993, p.175); a observação participante se tomou técnica freqüente de captação - “O repórter e o fotógrafo, ambos na mesma missão de observação participante por um prazo geralmente dilatado de captação. É uma praxe generalizada...” - PEREIRA LIMA, 1993, pp. 171-2).

Também pode ser estabelecida uma relação entre narrativa histórica e jornalismo. O ponto de partida é o conjunto de obras de Ruy WACHOWICZ que integra a fundamentação deste trabalho. Tanto no Jornalismo periódico quanto na História, existe alguma preocupação em exprimir as informações coletadas da maneira mais neutra possível. Mas cada uma destas áreas de busca de conhecimento tem seu ponto de partida não neutro. Enquanto o Jornalismo, conforme SODRÉ e FERRARI (1986), tem seu ponto de partida subjetivamente motivado no modo como um fato é contextualizado, a História tem seu princípio subjetivo (como qualquer outra ciência), na determinação das questões das quais se deseja buscar a resposta.

Mas em termos de expressão de resultados, as duas formas de apreensão da realidade são semelhantes pela exigência de alguma imparcialidade na apresentação de resultados.

E Ruy WACHOWICZ se aproxima do Jornalismo ao apresentar os resultados de sua investigação numa linguagem que está mais próxima do leitor leigo, que do estudioso de Ciências Humanas. Mas o que pode ser um critério para começar a diferenciar o fazer História, do fazer Jornalismo? Provavelmente a proporção entre fontes escritas e fontes orais. Enquanto o historiador enfatiza as fontes escritas, o jornalista as utiliza como apoio para um levantamento de dados que é essencialmente oral.

E o que diferenciaria o jornalista do pesquisador de Ciências Sociais? A maior sistematização que este dá a suas pesquisas e observações. O jornalista sistematiza apenas o repertório de perguntas. Ao contrário do cientista social, que sistematiza todas as etapas da observação, desde a formulação de problemas para os quais se busca resposta, até o tratamento dos dados coletados e a formulação de conclusões a partir dos dados. No que se refere à formulação de hipóteses e conclusões, o *modus operandi* do jornalista é bem mais assistemático que o do

cientista social, mas mais sistematizado que o modo de observação que o cidadão comum emprega no dia-a-dia.

Esta comparação se justifica na medida em que três livros de WACHOWICZ, de cunho histórico, foram usados para elaborar a “Plataforma de Embarque” de *Em Busca da Polônia Perdida*. E também serve como subsídio para colocar uma questão: este livro-reportagem é uma obra jornalística sobre o passado das colônias “passaúnicas” (função da “Plataforma de Embarque”) ou um livro de história recente desta região (função das “Estações”)?

2.2. *New Journalism* (cf. FERREIRA LIMA, pp. 146-57)

Ernest Hemingway foi um dos principais nomes do gênero literário chamado de Realismo Social. Esse gênero, que perdia terreno na Europa em favor de uma literatura mais vanguardista e menos acessível ao leitor comum, experimentou uma explosão no Estados Unidos. Vários escritores de origem e ocupações humildes se destacaram através deste gênero: John dos Passos, William Saroyan (antes entregador de telegramas), William Faulkner (originalmente lavador de pratos). Mas quando a contracultura começou a transformar os EUA nos anos 60, os escritores de ficção deram as costas ao novo contexto.

A contracultura foi caracterizada pela contestação violenta (em sua intensidade) dos valores consagrados do American Way of Life. Jovens criaram o movimento hippie, caracterizado pela rejeição da família nuclear (pais e filhos), pela espiritualidade carregada de elementos de origem oriental, e pelo culto do prazer dos sentidos (expresso pela extrema liberdade sexual, e pelo uso / abuso de entorpecentes, notadamente o LSD). Foram justamente jornalistas que aproveitaram a riqueza do instrumental de captação do Realismo Social, para enriquecer a própria produção jornalística.

E o instrumental de transmissão do relato ao leitor, foi enriquecido de várias maneiras, sempre se inspirando no recurso aos sentidos, característico da contracultura. A narrativa era construída cena por cena, a transcrição de diálogos era rica. Jornalistas como Tom Wolfe (considerado o “papa” do *New Journalism*) introduziram estes métodos de construção textual em reportagens para jornais e revistas, mas o reconhecimento veio quando Truman Capote publicou *A Sangue Frio*, em 1966.

Com esta obra, veio um certo reconhecimento do meio literário, de que o Jornalismo Literário tinha alcançado autonomia como gênero, em relação ao texto jornalístico tradicional. Mas os meios jornalísticos e literários não aceitaram esta diluição de fronteiras de maneira unânime. Até porque, a área original de Capote era a ficção.

Para escrever esta obra, Capote entrevistou durante 5 anos, dois condenados à morte acusados de executarem uma família de fazendeiros no interior dos EUA. Mas ele não se contentou em transcrever onomatopéias e – a partir de profundas entrevistas psicológicas com as fontes – reproduzir pensamentos destas (num trabalho de produção de fluxos de consciência das fontes) como Wolfe já fazia.

Ele inventou situações ao longo da obra. Esta foi uma das técnicas que contribuíram para a não-aceitação integral do *New Journalism* enquanto ramo do Jornalismo. Outra técnica que inspirou desconfiança do jornalismo periódico com relação a essa modalidade, foi a composição: reunião das vivências de várias pessoas para criação de uma pessoa que, sem ter existência física real, encarnaria de maneira verossímil as vivências de um grupo de pessoas.

Mas o jornalismo periódico norte-americano absorveu parte das técnicas do Jornalismo Literário (não necessariamente as do *New Journalism*):

Presentificação de um fato, através da apresentação deste, de maneira filmica (como se fosse reconstituída uma cena de um filme).

A perspectiva narrativa se tornou mais fluida: primeira ou terceira pessoa, ou o ponto de vista do protagonista da situação.

Metáforas e figuras de linguagem são permitidas para explicar temas complexos.

A ênfase na observação participante, como alternativa – ou complemento - à entrevista tradicional, também encontrou acolhida no jornalismo periódico.

A revista *Realidade*, veiculada pela editora Abril nas décadas de 1960 e 1970, absorveu as técnicas acima, e é o principal exemplo de jornalismo periódico brasileiro com características eminentemente literárias.

2.3. A diferença entre notícia e reportagem, e tipos de reportagem

Antes de definir os elementos dos diversos tipos de reportagem que são empregados no livro *Em Busca da Polônia Perdida*, é necessário determinar o que é uma notícia, como esta evolui para a reportagem, e conceituar os diversos tipos de reportagem.

Conforme SODRÉ e FERRARI (1986, p. 17), notícia é a descrição pura e simples de um fato: “tomar *público* um *fato* (...), através de uma *informação* (onde se relata a ação em termos compreensíveis.”. Sobre a notícia-anúncio, SODRÉ e FERRARI (1986, p. 17) declaram: “... é o simples divulgar dos acontecimentos e o relato de suas circunstâncias...” Mas mesmo antes do nível da reportagem, já existe alguma preocupação em subjetivizar um fato em dois tipos de notícia: notícia-pronunciamento e notícia-denúncia.

Sobre a notícia-pronunciamento: “visa expor, indiretamente, um posicionamento crítico, não apenas do redator, mas do próprio jornal, em relação ao tema da notícia. Não importa tanto o fato em si, mas o nível de abstração a respeito do tema (...), que conduzirá o leitor na direção de um pronunciamento. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 23) “Muito sutilmente, manipulando aqui e ali algumas palavras, uma notícia pode vir a se *pronunciar* a respeito de um fato ou tema.”(SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 24)

E sobre a notícia-denúncia, SODRÉ e FERRARI (1986, P.30) definem: “A esse tipo de notícia, que se declara contra ou a favor de alguma coisa, de maneira explícita, chamaremos notícia-denúncia.”

O destaque que se quer dar a um fato, muitas vezes não percebido pelo leitor na intensidade desejada pelo proprietário de um veículo de comunicação, é que determina que o relato deste evolua da notícia para a reportagem: “Um fato pode ser tão importante que sua simples notícia ou uma enorme reportagem a respeito dele vão sempre procurar documentar seus aspectos referenciais, porque aí está a expectativa do leitor.” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 32)

Já um episódio de restrito interesse só ultrapassará o mero registro se envolto em circunstâncias que conduzirão o leitor a um posicionamento crítico, revelando-lhe ângulos insuspeitados (...) Essa, talvez, a função distintiva entre o noticiar e o reportar.” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 36) É interessante notar aqui, que a revelação de ângulos insuspeitados (a contextualização) é considerada parceira do posicionamento crítico, do veículo ou do leitor. Em ambos os casos, apoiado na subjetividade. Ou seja, SODRÉ e FERRARI (1986) consideram a subjetividade um componente obrigatório na construção do contexto de um fato.

Daqui se conclui que há uma progressão em direção à subjetividade, mesmo no terreno supostamente neutro da notícia: a que anuncia, é francamente neutra, começando pelo próprio tratamento da linguagem, sem adjetivações.

Já a que se pronuncia, insinua falta de neutralidade através do uso de expressões que, por si mesmas, não têm caráter adjetivante, mas o fazem pelo seu emprego no conjunto do texto. E a notícia-denúncia, como já colocado, se declara de maneira explícita. Quando além da descrição do fato, há sua contextualização, passa-se sai do terreno da notícia para o da reportagem. Mas esta fronteira não é nítida: “Às vezes, as fronteiras entre os dois gêneros se tornam tênues, principalmente quando as notícias trazem a informação contextualizada.” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 32)

Tipos de reportagem, conforme SODRÉ e FERRARI:

a) Reportagem de fatos (“fact story”): “(...) obedece à redação na forma de pirâmide invertida. Como na notícia, os fatos são narrados por ordem de importância.” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 45)

b) Reportagem de ação (“action story”): “(...) começa sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. O importante, nessas reportagens, é o desenrolar dos acontecimentos de maneira enunciativa, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme.” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 52)

c) Reportagem documental (“quote story”): “(...) apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. A reportagem documental é expositiva, e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante.

Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito do tema em questão.” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 64)

Na “Plataforma de Embarque”, o que se tem são fatos históricos expressos em linguagem jornalística de periódico diário (jomal impresso) e em formato de reportagem de fatos. Aqui a decisão de presentificar fatos históricos tem como objetivo, analisar como a própria percepção do leitor a respeito de um fato pode se alterar, quando este é transplantado do texto de um historiador (WACHOWICZ) para um formato noticioso de jornal impresso moderno.

Já as “Estações”, têm estilo de redação que expõe os fatos em uma ordem mais ou menos pré-estabelecida, mas esta ordem não é pela ordem de importância, nem a ordem em que os depoimentos foram dados pelos entrevistados. A ordem é aproximadamente cronológica, mas dentro do contexto da vida dos entrevistados. Este elemento é característico da reportagem factual.

Ao longo das “Estações”, existe um pronunciamento claro a respeito de alguns temas, principalmente a relação (de abuso e descaso) entre o poder público e os moradores das áreas rurais da região passaúnida de Curitiba. Mas o cunho destes trechos é de denúncia simples, sem cunho pedagógico, apenas de induzir o leitor a uma reflexão a partir do posicionamento do autor.

Faltam elementos para tentar enquadrar alguma característica das “Estações” dentro das reportagens de ação e documental. Em nenhuma parte, a narração toma semelhança com a narrativa filmica, e o apoio documental eventualmente usado para compor o texto das “Estações” não transparece em nenhuma parte do texto.

Assim, o texto das “Estações” é um híbrido de reportagem de fatos, com traços de notícia-denúncia, com um relato descritivo da situação dos moradores rurais do Passaúna curitibano, a partir de seus próprios pontos de vista (transmitidos em discurso indireto na maioria das vezes ao longo do livro-reportagem).

Quanto à notícia-denúncia, só existem traços desta, já que o tom denunciativo de partes do texto não é acompanhado por ampla contextualização das relações entre colonos e poder público, como seria o ideal.

2.4. O que é o perfil e qual sua função na narrativa jornalística

Os entrevistados são a principal fonte do conhecimento apreendido jornalisticamente. Mas é importante conhecer as possibilidades de tratamento da figura do entrevistado, antes de decidir se o foco de uma narrativa será uma situação onde o entrevistado esteve presente, ou a própria vida deste.

O perfil consiste na descrição física e psicológica de uma pessoa, que pode ser tanto a protagonista de uma ação, quanto o objeto em si de uma reportagem. Conforme SODRÉ e FERRARI (1986, p. 126), “perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é um protagonista de uma história: sua própria vida.”

O perfil pode ser narrado em discurso direto, através de depoimento ou entrevista, ou em discurso indireto: “ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor esta experiência (grifos meus). No primeiro caso, se tem a entrevista clássica, que não exige necessariamente o contato pessoal.

O texto consiste numa apresentação sumária, feita de dados referenciais, seguida de perguntas e respostas.” (SODRÉ e FERRARI 1986, p. 126)

Pode também ser feita uma entrevista presencial, com a articulação dos itens mais importantes das declarações do entrevistado num discurso indireto, organizado por assuntos. Este tipo de perfil não é contemplado por SODRÉ e FERRARI.

O perfil pode ser classificado:

a) quanto ao tratamento dado à personalidade da pessoa:

-O personagem-indivíduo: “o retrato é mais psicológico do que referencial --o interesse recai sobre a atitude do entrevistado diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atuação.” (SODRÉ e FERRARI 1986, p. 134)

-O personagem-tipo: “A menos que se salientem por outro traço qualquer, o normal será enfatizar, no perfil, justamente aquilo que lhes deu fama – habilidade, talento, dinheiro, beleza ou qualquer outro atributo de suas classes ou profissões.” (SODRÉ e FERRARI 1986, p. 134)

-O personagem-caricatura: enfoque nas características estranhas de uma pessoa, especialmente se ela tiver a tendência de fazer exibicionismo destas características: “é natural que, de vez em quando, encontremos sujeitos estranhos, de gestos grotescos, e atitudes mirabolantes, com acentuada tendência para a exibição.” (SODRÉ e FERRARI 1986, p. 136)

Exibicionismo, aqui, é quando o portador de características ditas engraçadas não só não tenta escondê-la, como as ressalta ainda mais. Reforçando o efeito caricatural.

b) quanto à ênfase na pessoa:

-Miniperfil: enfoque rápido de uma pessoa, num relato centrado em suas ações, ou antecedendo uma entrevista com a mesma (como em *Veja*).

Cabe ressaltar que no caso de *Veja*, a entrevista não é centrada na história de vida da pessoa, mas sim, no posicionamento dela a respeito de algum assunto. Ou seja, se caracteriza como um mini-perfil, seguido de entrevista: “Além do exemplo de perfis incidentais..., existe o miniperfil, às vezes inserido em todo tipo de reportagem. Nesse caso, o destaque é dado aos fatos, à ação ou ao levantamento de dados, os personagens são secundários...” (SODRÉ e FERRARI 1986, p. 139)

-Multiperfis: diversas fontes retratam uma pessoa. Especialmente comum no falecimento de pessoas de extrema importância, quando muitos veículos lançam cadernos especiais, onde a pessoa e sua vida, são o assunto em si. Caso da Gazeta do Povo, que teve todo o primeiro caderno dedicado a João Paulo II, no dia seguinte ao de seu falecimento: um conjunto de reportagens, sobre diversos aspectos da vida do Papa, que se constituiu no seu perfil. “Nessas ocasiões, publicam-se inúmeras matérias, de diversos tipos... que testemunham vida e obra do focalizado. O conjunto forma uma grande reportagem e, naturalmente, seu perfil. Alias, um multiperfil, na medida em que vários são os narradores, e um o objeto da narração.” (SODRÉ e FERRARI 1986, p. 139)

Na obra *Em Busca da Polônia Perdida*, a apresentação dos entrevistados está mais ou menos integrada (conforme a situação) ao próprio contexto histórico e espacial narrado nas “Estações”. Ou seja, os perfis têm nível de profundidade característico do miniperfil, e não formam um bloco à parte em relação ao restante do texto. Nenhum dos entrevistados entra na categoria personagem-caricatura, nem na de personagem-tipo.

E a apresentação dos entrevistados não entra na descrição psicológica dos mesmos. Assim, se constitui numa simples apresentação de protagonistas da história atual da região da represa do Passaúna.

2.5. Tipos de livro reportagem, conforme PEREIRA LIMA

A classificação dos tipos de livro-reportagem não é estanque. Os tipos podem se mesclar, mas sempre algum deles predominará na obra. Os tipos se diferenciam principalmente conforme sua temática; sua ênfase em alguma área do conhecimento como História, Geografia ou Ecologia; e de acordo com o foco em situações ou em pessoas.

Perfil: procura mostrar o lado humano de alguém famoso, ou de alguém que, por algum motivo, passa a despertar interesse.

No segundo caso, por pertencer a um grupo social, passa a personificar o grupo em questão. “Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personalidade anônima que, por algum motivo, toma-se de interesse (...) Exemplifica esta linha *Yeager*, de Chuck Yeager e Leo Janos, que conta a vida do piloto de testes que foi o primeiro homem a voar mais rápido que o som.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 45)

Depoimento: “reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante, ou de uma testemunha privilegiada. (...) seu estilo normalmente é o da *action story*. (...) Exemplo de obra escrita pelo próprio protagonista – com ou sem assessoria profissional, não se sabe, mas inegavelmente apresentando características eminentemente jornalísticas – é *O Fogo Sagrado*, publicado pela Artenova em 1975, em que o astronauta Michael Collins narra a realização do primeiro vôo tripulado que pousou na Lua” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 45)

É uma categoria em expansão aqui no Brasil, o livro-reportagem-metareportagem (categoria demarcada pelo autor da presente fundamentação teórica), escrito por um repórter, onde ele conta bastidores de reportagens, ou algo do cotidiano dos lugares que ele visitou. Ou

seja, é a reportagem da reportagem, uma meta-reportagem mesmo. Caso de *Olhar Crônico*, de César Tralli, e de *A Aventura da Reportagem*, de Gilberto Dimenstein e Ricardo Kotscho.

Este, narra as relações entre Jornalismo e poder ao longo da história recente brasileira, sem ter ligação obrigatória com alguma reportagem escrita por um dos dois autores. Aquele, é o relato dos bastidores de reportagens feitas por Tralli, com descrições do lado humano do repórter, e do cotidiano dos lugares visitados por ele em seu ofício. Estes livros normalmente são uma “salada” de gêneros: depoimento e viagem facilmente se misturam na mesma obra, e *Olhar Crônico* é um exemplo disto. A categoria depoimento está presente nos dois livros brasileiros citados acima, na medida em que repórteres revelam ao leitor, ângulos do processo de produção jornalística que são inacessíveis ao receptor que acompanha apenas jornais, revistas e programas de televisão com função jornalística.

Retrato: “Exerce papel parecido, em princípio, ao do livro-perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. (...) Ilustra esta linha *Airport International*, de Brian Moynahan, que escolhe abordar o aeroporto londrino de Heathrow para mostrar os bastidores de um grande aeroporto internacional.” (PEREIRA LIMA, 1993, pp. 45-6)

Ciência: “Serve ao propósito de divulgação científica, geralmente em tomo de um tema específico, Pode também apresentar um caráter de crítica ou reflexão. No caso brasileiro, um exemplo dessa linha é *Antártida*, de Luiz Oscar Matzenbacher, lançado pela L&PM em 1986.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 46)

Ambiente: “Pode apresentar uma postura combativa, crítica ou simplesmente tratar de temas que auxiliem na conscientização da importância nas relações do homem com a natureza. *Os Andes*, de Tony Morrison, aborda essa cadeia de cordilheiras do continente sul-americano, especificando muito de sua realidade geográfica, histórica, mas desenvolvendo sobremaneira, uma visão algo romântica de seus ecossistemas, focalizando os aspectos geológicos, da fauna, da flora e do clima.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 46)

Atente-se para o fato de *Antártida*, citado acima, também tratar de uma região que pode ser focada como um ecossistema. Aliás, pelo seu papel de regulador do nível do mar e da circulação atmosférica no hemisfério sul, a região merece sim, enfoque ambiental. É de se duvidar que um livro sobre esta região não tenha nenhum enfoque ambiental e não possa, assim, ser enquadrado também como livro-reportagem-ambiente.

História: “Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem geralmente algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. “(...) *Olga*, de Fernando Morais, é um bom exemplo. A meu ver, a presença no Brasil novamente de Luis Carlos Prestes, a partir dos anos de redemocratização recente, facilitou a “atualização” do tema, dada a projeção pública de Prestes.” (PEREIRA LIMA, 1993, pp. 46-7)

As Cruzadas vistas pelos árabes (1983), de Amin Maalouf – jornalista de origem libanesa, radicado na França – tem dois pontos bem característicos de ligação com a narrativa jornalística do livro-reportagem: a contemporaneidade do tema (já que as Cruzadas foram o principal fator de deterioração nas relações entre muçulmanos e cristãos, e hoje ainda persiste forte antagonismo entre cristãos e muçulmanos, em pontos específicos do mundo), e a construção do texto, assemelhada à reportagem de atos (*action-story*).

Nova- Consciência: “Focaliza temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem em várias partes do mundo, resultantes de duas ebulições significativas do mundo ocidental nos anos 60. Uma foi a contracultura, a outra foi o conjunto de movimentos de aproximação à cultura e civilização do Oriente Médio, e do continente asiático.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 47)

Dentro deste critério, até *O Ponto de Mutação*, de Fritjof Capra, pode ser considerado livro reportagem, por falar da mudança de paradigma científico, a partir cartesianismo puro, para a síntese entre cartesianismo e holismo. E existe a antítese de *O Ponto de Mutação*, que é *Fritjof Capra, Antonio Gramsci e a Revolução Cultural*, de Olavo de Carvalho. Mas este, tem um viés que o torna algo misto entre uma obra de filosofia, e um gigantesco artigo de opinião. E assim, este segundo acaba se descolando do universo do livro-reportagem.

Instantâneo: “Debruça-se sobre um fato recém-concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados. Atém-se basicamente ao fato nuclear, mas pode inserir algo de sua amplitude, de seus desdobramentos no futuro. (...) *A Sangue quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho, editado pela Alfa-Omega, exemplifica esta modalidade.” (PEREIRA LIMA, 1993, pp. 47-8)

Atualidade: “Também aborda um tema atual, como o faz o livro-instantâneo. Mas apresenta uma diferença peculiar: seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos. (...) Duncan Campbell-Smith, ao escrever *Struggle for take-off*, produz um livro que trata, no calor dos debates e das disputas, o processo de privatização da empresa britânica British Airways.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 48)

Antologia: “Cumprer a tarefa de reunir reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros. (...) O *Circo do Desespero*, de Audálio Dantas, reúne algumas de suas reportagens publicadas no período de 1957 a 1872 pelos veículos *Folha da Tarde, O Cruzeiro e Realidade*.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 48)

Merece destaque a revista *Scientific American – Brasil*, edição especial “*A Terra na Estufa*”, de outubro de 2005. É uma antologia de reportagens publicadas ao longo de várias edições da *Scientific American – Brasil*, sobre o aquecimento global. E traz uma abordagem integrando aspectos ecológicos e científicos da questão. Assim, mesmo na humilde condição de revista, abarca três gêneros de livro-reportagem da classificação proposta por PEREIRA LIMA.

Denúncia: “(...) apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade, focalizando casos marcados pelo escândalo.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 49)

Caso de *Rota 66 – A polícia que mata*, de Caco Barcelos, que narra as piores atuações cometidas pela Rota – Ronda Ostensiva Tobias de Aguiar – batalhão de elite da PM paulista.

Ensaio: “Tem como forma a postura de ensaio, o que vale dizer, a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de tal forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor. (...) Louis Pawels e Jacques Bergier produziram um clássico dessa categoria ao escrever *O Despertar dos mágicos: introdução ao realismo fantástico*, editado pela Bertrand Brasil.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 49)

Viagem: “Apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local. (...) *The Old Patagonian Express*, de Paul Theroux, é um trabalho nesta linha. O autor narra uma viagem de trem desde Boston, no nordeste dos Estados Unidos, até a última estação existente no extremo sul do continente, na Patagônia Argentina”. (PEREIRA LIMA, 1993, pp. 49-50)

Em Busca da Polônia Perdida é principalmente um livro-reportagem viagem, que retrata aspectos sociais, domésticos e urbanísticos na região oeste de Curitiba, em áreas ainda rurais próximas ao Passaúna. Ele intercala elementos de denúncia, ao abordar o descaso do poder público (notadamente o municipal) com a região e seus moradores.

2.6. Liberdades características do livro reportagem

Pelo fato do livro-reportagem não ter um prazo de edição periódico, de não estar submetido a nenhuma estrutura empresarial que condicione o enfoque da narrativa (exceto quando de sua publicação) e de não depender da manutenção de um público leitor amplo e heterogêneo (que tem uma gama de interesses e um nível vocabular médio já conhecidos), o livro-reportagem possui uma série de liberdade em relação aos periódicos impressos.

Temática: maior que a dos meios cotidianos, por não estar tão atrelado à atualidade (os fatos terem sido recentes). Mas é recomendável que o tema tenha vínculo com a contemporaneidade (grau em que fatos mais ou menos passados, afetam o presente). Esta liberdade acontece pelo fato do repórter ser o próprio pauteiro, e estar livre das amarras temáticas impostas pelo veículo. PEREIRA LIMA cita *Japanese Inn*, de Oliver Statler:

“O autor propõe-se a narrar a história de um estabelecimento hoteleiro típico japonês, o Minaguchi-ya. Sua narrativa começa no presente, depois faz um corte de tempo para 1569 e vem progredindo cronologicamente até 1957 (a edição original saiu em 1961). Ao longo desta trajetória, Statler acompanha as transformações artísticas, políticas, econômicas comportamentais e sociais que trouxeram o Japão de um contexto feudal para uma sociedade moderna industrializada.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 69)

Angulação: o único compromisso que o autor tem, é com sua própria visão a respeito do assunto abordado. Mesmo a questão da multiangularidade (escutar os vários lados envolvidos) é opcional, embora seja recomendável. “O livro-reportagem é uma obra de autor. A presença expressiva de seu realizador é, muitas vezes, marcante. Desvinculado, ao menos em tese, de comprometer-se com o nível grupal, com o nível massa e com o nível pessoal tal qual limitado nas grandes empresas jornalísticas, seu único compromisso é com sua própria cosmovisão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com o leitor, valendo-se para isso, dos recursos que achar mais convenientes, escapando das fórmulas institucionalizadas nas redações.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 70)

Temporal: a questão da atualidade, é substituída pela da contemporaneidade, como explicado acima. “Livre do ranço limitador da presentificação restrita, o livro-reportagem avança para o relato da contemporaneidade resgatando no tempo algo mais distante do de hoje, mas que, todavia segue causando efeitos neste. Zuenir Ventura recupera em 1968, *O Ano que não terminou*, um momento histórico importante na vida brasileira, do qual vários atores são personalidades atuantes no Brasil de agora.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 71)

De eixo de abordagem: além dos fatos principais, podem ser trabalhados as pessoas e grupos envolvidos (em cooperação ou em conflito entre eles), e contextos temporais mais amplos que os dos fatos nucleares do livro. “O livro-reportagem não necessita obrigatoriamente girar em torno da factualidade, do acontecimento. Pode vislumbrar um horizonte mais elevado, penetrando na situação ou nas questões mais duradouras que compõem um terreno das linhas de força que determinam os acontecimentos. O ex-correspondente do jornal *The New York Times* no Brasil, Alan Riding, traça em *Vecinos distantes* um amplo roteiro destinado a entender a questão do México – do ponto de vista norte-americano –, roteiro que trafega dos modelos econômicos ao petróleo, da corrupção à família, dos indígenas à política exterior.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 71). Ou seja, o jornalista pode escolher qual é a amplitude da contextualização espacial que sua obra terá. É a versão espacial da liberdade temporal.

De propósito: além da mera função informativa, se pode variar entre as funções: pedagógica, reflexiva, crítica, denunciadora. E várias outras. “O conjunto de fatores apontados permite que o livro acenda aspirações para um alvo mais elevado do que a informação anestesiadora – já que confunde, mistura dados, em vez de realmente esclarecer com profundidade – que a reportagem comum normalmente apresenta.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 71)

Robert Lacey, em *The Kingdom – Arabia & the house of Sa’Ud*, “(...) consegue elucidar para o leitor ocidental – estupefato com a súbita ascensão dos países árabes produtores de petróleo ao primeiro plano da geopolítica internacional, nos anos 70 – a dimensão e os motivos do fenômeno, bem como situar seu possível peso na balança da geopolítica internacional no futuro.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 72)

Quais os propósitos de *Em Busca da Polônia Perdida*? Mostrar em que nível está a integração urbanística dos bairros Riviera e São Miguel com a malha urbana de Curitiba. Aqui, integração não é o simples engolfamento destas áreas pela cidade, mas sim, a oferta de melhorias urbanas. Mostrar como são as assimétricas relações entre “colonos” (assim, entre parênteses, porque estes já tem, em alguns casos, ocupações urbanas, por mais que morem em áreas que espacialmente ainda não podem ser consideradas parte da “cidade” – área urbana – de Curitiba) e o poder público.

Uma assimetria na qual o poder público, independentemente de sua cor ideológica, explora o colono, quer seja através do tratamento diferenciado a este em questões de conflito com formadores de favelas (ver “Sexta Estação”), quer seja aplicando tributos de natureza urbana sem as correspondentes melhorias urbanas (também na “Sexta Estação”).

De fontes: “(...) o livro-reportagem pode fugir do estreito círculo das fontes legitimadas e abrir o leque para um coral de vozes variadas. James Michener, ao produzir *Ibéria*, reconstitui uma visão múltipla da realidade espanhola que passa pelos olhos do médico e do policial (...) Os documentos escritos de que se utiliza também são inúmeros e variados de procedência.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 71)

Como SODRÉ e FERRARI destacaram, a liberdade de angulação (ou seja, a liberdade de parcializar a angulação) já é fartamente usada em meios periódicos, sob a alegação de contextualizar um fato.

Em Busca da Polônia Perdida explora as seguintes liberdades: de angulação, temática, temporal e de fontes. A liberdade de fontes na obra *Em Busca da Polônia Perdida* se dá ao serem usados tanto livros de História, quanto entrevistas com moradores de áreas rurais da região do Passaúna (ou provenientes delas).

A liberdade temporal ocorre pelo fato deste livro cobrir um período que vai de aproximadamente 1840 até o presente. O critério de atualidade de um fato, no livro-reportagem, é que este ainda repercuta hoje, independente da data de sua ocorrência.

A fundação de colônias polonesas na região do Passaúna é um fato atual, neste sentido, pelo fato de ainda existirem por lá, habitantes de origem polonesa que vivem no campo, e vários deles, obtendo seu sustento da agropecuária.

Na angulação, se dá a opção deliberada por privilegiar o ponto de vista dos entrevistados, que coincide em muitos casos, com o próprio ponto de vista do autor, numa relação de solidariedade etnicamente explicável, já que o próprio autor é descendente de poloneses. E pela opção de ressaltar os conflitos entre “colonos” e poder público. Esta angulação é algo que não foi possível (ou desejada?) por FENIANOS ao publicar a *Coleção Bairros de Curitiba*.

É importante reparar que entre os patrocinadores dessa obra (*Coleção...*), estão a FCC (Fundação Cultural de Curitiba) e a Prefeitura Municipal de Curitiba.

Quanto ao tema: a situação atual das regiões de povoamento polonês do oeste de Curitiba é um tema que raramente tem espaço em periódicos, e muito menos de forma sistemática, como na obra *Em Busca da Polônia Perdida*. O fato de jornais como a *Gazeta do Povo* (por exemplo) terem público etnicamente heterogêneo, talvez seja um fator que dificulta a abordagem da situação geográfica e histórica de apenas uma etnia (neste caso, a polonesa), e numa região geograficamente limitada do município (entorno da represa do Passaúna).

Mas enquanto não se abre a possibilidade de sugerir algo neste sentido aos editores de periódicos curitibanos, a publicação de um livro-reportagem é uma saída viável, principalmente por abrir caminho para a liberdade de enfoque, que pode ser prejudicada ao se tentar colocar uma obra com algum cunho de denúncia, num veículo que tem, entre seus anunciantes, agentes do poder público.

2.7. Principais técnicas de captação

Entrevista: pode ser no formato pergunta-resposta, ou de depoimento. O formato de depoimento tem uma variante chamada por PEREIRA LIMA de entrevista biográfica, onde as intervenções do repórter são como que apenas deixas para orientar o entrevistado ao longo do depoimento.

A entrevista, neste caso, pode servir como instrumento de resgate de modos alternativos de falar, não dominados pela maioria do público leitor “(...) resgatando a oralidade de certos atores, dessa forma contribuindo para reproduzir as idiossincrasias de certas culturas e de suas relações sociais. É o efeito que consegue Washington Novaes, num trecho de seu diálogo com o índio Raoni, que revela uma de suas peripécias pra se tomar pajé.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 92)

Observação participante: o repórter convive extra-jornalisticamente com as pessoas entrevistadas, participando de varias atividades junto com elas. “Essa modalidade de captação teve seu zênite, em livro-reportagem, na época da inovação norte-americana conhecida como *new journalism*. (...)”

Como conta Tom Wolfe em *The New Journalism*, ele próprio um dos expoentes desse novo modo de proceder do fazer jornalístico, os inovadores da imprensa... descobrem que não há como retratar a realidade sena com cor, vivacidade, presença. Isto é, com mergulho e envolvimento total nos acontecimentos e situações. ...Mas se o auge do *new journalism* já passou, não significa que a observação participante tenha se afastado do livro-reportagem. Ao contrário, amenizou-se um pouco, talvez. Continua presente, porem, sendo normalmente empregada com maior soltura que na reportagem dos periódicos.” (PEREIRA LIMA, 1993, pp. 95-8)

Este é o modo de captação mais freqüente feito por Eduardo FENIANOS em *O Urbanauta (Curitiba) – Manual de sobrevivência na selva urbana*. Nesta obra, a prática chega ao requinte do pernoite na casa das famílias abordadas pelo autor.

A observação participante atua em várias frentes: pode melhorar o levantamento do perfil psicológico de um entrevistado (tarefa para a qual uma mera entrevista nem sempre oferece tempo hábil), e contribuir para a descrição não só de ambientes, mas também de costumes e rituais de um grupo. Destaque para Olhar Cônico, onde César Tralli, de tanto praticar a observação participante fora dos horários de cobertura jornalística, pôde captar várias características do comportamento dos ingleses, que são inusitadas par o leitor brasileiro.

Documentação: coleta de dados em fontes impressas (inclusive veículos jornalísticos, num trabalho de autofagia), sonoras ou imagéticas. “Referindo-se à coleta de dados em fontes registradas de conhecimento, o termo aplica-se tanto ao jornalismo cotidiano quanto ao livro-reportagem. Mas sem dúvida, é neste que a documentação, enquanto auxílio a fundamentação do tema de que trata a reportagem, principalmente na matéria de profundidade e em especial a que focaliza mais a situação e a questão, do que o fato ou o acontecimento isolado, ganha vigor e poder de sustentação.”

No Brasil, um exemplo de obra com farto apoio em documentação é “(...) *1968 O Ano que não terminou*, este tendo custado a Zuenir Ventura 10 meses de pesquisas em revistas, jornais, arquivos e livros.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 100)

2.8. Tipos de tempo: de curta, média, e longa duração

Curta duração: a extensão da vida das pessoas envolvidas num fato nuclear. “O tempo breve, de curta duração, reduzido à dimensão do indivíduo.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 204)

Média duração: de sistemas econômicos, de países, estados e cidades. “(...) remetido à dimensão social, a dos grupos e agrupamentos. Corresponde a uma história “conjuntural, preocupada sobretudo com a vida material, com os ciclos ou interciclos econômicos, os Estados, com as civilizações.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 204)

Longa duração: de sistemas culturais e religiosos que sobrevivem aos países, e muitas vezes, servem de suporte para a formação destes, como as grandes religiões mundiais, por exemplo. “O tempo lento, quase imóvel, de longa ou longuíssima duração. Corresponde a uma história estrutural, focalizando o homem em relação principalmente com o meio geográfico que o cerca. (...) um conjunto de sustentáculos e obstáculos que perduram como coerção geográfica ou como sistemas culturais que se prolongam, às vezes, por séculos.” (PEREIRA LIMA, 1993, p. 205)

Na obra *Em Busca da Polônia Perdida* também existem três níveis temporais, mas que não coincidem com os que PEREIRA LIMA menciona acima. O de duração mais curta corresponde aos seis meses durante os quais as entrevistas foram feitas e este livro-reportagem foi escrito.

O de duração intermediária, que abrange a duração da vida dos entrevistados, corresponde ao tempo de curta duração de PEREIRA LIMA. E o tempo de duração mais longa, que vai do contexto da Polônia na época da imigração até os dias atuais, é apenas o tempo de média duração na classificação de PEREIRA LIMA.

3. Aspectos gráficos de Em Busca da Polônia Perdida

O livro terá cerca de 65 páginas, e será em formato A4. A escolha por este formato se dá por dois fatores:

Muitos papéis para impressão em offset estão disponíveis no formato A0 (84 x 119 cm), que tem área de 1 m². Este formato de papel guarda proporcionalidade ao longo de seus diversos tamanhos. Ou seja, o formato A1 ocupa metade da área do A0, e assim por diante; mas suas dimensões sempre respeitam uma proporção de 70,65 %.

A menor dimensão de lateral de um componente desta família de formatos, corresponde à maior dimensão do componente imediatamente menor. Por exemplo: o A1 (841 x 594 mm²) tem sua maior dimensão (841 mm) em comum com a menor dimensão do A0 (841 x 1189 mm²).

E o livro terá ênfase em mapas e fotografias. Para não comprometer a visualização de detalhes das fotografias, nem a legibilidade dos mapas, é preferível imprimi-los num tamanho maior que aquele que seria possível se o livro tivesse formato A5. O formato mais usado na impressão de fotografias para álbuns é o A6 (148 x 105 mm²). Portanto, duas vezes menor que o A5. Mas com a manutenção de espaços para as margens, uma fotografia em A6 publicada num livro em A5 ocuparia a página inteira. Assim, para poder integrar texto e imagem numa página em formato A6, ou a foto teria que ser diminuída para A7 (105 x 74 mm²), ou a página teria que ser aumentada. Como a diminuição do tamanho da fotografia pode contribuir para uma pior visualização da mesma (principalmente nos detalhes), se optou por empregar o formato A4 para a impressão do livro-reportagem.

A fonte dos textos será Times New Roman, para facilitar a leitura (por causa das serifas). A fonte das legendas será Arial. Conforme MARTINS FILHO (1997, p. 64): “A letra não deve cansar o leitor e já está provado que a letra sem serifa (ou em itálico), embora de boa legibilidade, é cansativa para o olho humano. (...) num texto corrido, longo, como o de um livro, ela é extremamente monótona, tornando a leitura fatigante; daí a preferência pela escolha da letra serifada”. O alinhamento do texto será justificado, por motivos estéticos. O alinhamento justificado sugere melhor aproveitamento de espaço que o alinhado à esquerda. Nos títulos de capítulos, subcapítulos e tópicos, os tipos das fontes serão azul-índigo.

No início do primeiro capítulo (“Plataforma de Embarque”), o título será azul para que ele não seja confundido com o título da primeira reportagem publicada neste capítulo.

Por questão de uniformidade, de coerência interna, os títulos das “Estações” terão a mesma cor. Apenas nas notas explicativas das reportagens imaginárias e nas legendas de fotografias, o tipo de fonte será Arial, para demarcar a diferença entre estas partes da obra, e o corpo do texto do livro. Para dificultar a confusão entre as notas explicativas das reportagens e o texto das mesmas, essas notas foram jogadas para o rodapé.

Mesmo racionalizando o emprego das fontes, ainda se tem: duas fontes o longo da obra (Times New Roman e Arial), e vários formatos de Times: múltiplos tamanhos de fonte e duas cores para a mesma (preto e azul-índigo). Assim, é mais aconselhável que a composição do livro já seja feita totalmente em computador. Dos dois tipos de composição que eram praticados na editora Perspectiva (MARTINS FILHO, 1997, p. 67), a linotipo e a composição a frio, cada uma tem limitações que dificultam a composição de *Em Busca da Polônia Perdida*: a linotipo não tem tamanhos de fontes ilimitadamente variados, como o Word.

Na composição a frio, a impressora “composer” pára e solicita a troca de fonte. Para uma obra que alterna freqüentemente entre as fontes Times e Arial, isto toma a composição demorada. O uso da fonte Lucida Handwriting na folha de rosto é uma dificuldade adicional neste sentido.

Este tipo de fonte é usado no título do livro (e conseqüentemente na folha de rosto), porque tem um aspecto manuscrito. Este aspecto remete a duas dimensões: ao modo de vida menos acelerado que alguns moradores do entorno do Passaúna ainda conseguem levar, e à viagem para o passado que acontece na “Plataforma de Embarque” e em vários trechos das “Estações”.

O tipo de papel no miolo, será sulfite, com gramatura de 75 g/m². O papel da capa será cuchê, com gramatura de 230 g/m². Apesar do papel sulfite não ter ótima fidelidade na reprodução de fotos como o papel cuchê offset, é mais comum e mais barato que o cuchê offset. A obra será estruturada em “Plataforma de Embarque” e seis “Estações”. Na “Plataforma de Embarque”, serão abordados: história da imigração polonesa para o Brasil, aspectos geográficos dos bairros de origem colonial da região do Passaúna, e a história das colônias Tomás Coelho e Orleans.

A capa frontal terá as seguintes fotografias: Nossa Senhora de Czestochowa (padroeira da Polônia), conjunto de quadros religiosos na parede de uma sala, uma área florestal onde aparece uma vaca, e um forno de assar pães e bolos no estilo colonial. A capa frontal tem predomínio de tons avermelhados nas fotos, porque o vermelho é a cor da paixão, da motivação. No caso presente, duas motivações: do repórter para trabalhar o tema, pelo fato de este ser descendente de poloneses; e a motivação do leitor de viajar por um lado pouco conhecido do município de Curitiba. O preto, sobre o qual foi escrito o título, é exatamente a cor do desconhecido.

As fotos da capa frontal também foram trabalhadas no sentido de perderem a nitidez, para realçar a questão da região da represa do Passaúna não ser muito conhecida nem pelos próprios curitibanos. Além disto, a difusão e avermelhamento das fotografias da capa criam uma atmosfera de acolhimento, de aconchego. Ou seja, os cenários mais remotos da “Polônia Curitibana” acolhendo o leitor-viajante.

O não-conhecimento da região do Passaúna pelos próprios moradores de Curitiba foi constatado empiricamente pelo autor do livro-reportagem, quando explicava sua proposta de TCC para amigos e conhecidos. Esmagadora maioria das pessoas com quem o autor deste trabalho conversou, até conhece a represa do Passaúna, mas poucos conhecem pelo nome, os bairros abordados no livro-reportagem.

A capa posterior tem um pôr-do-sol. O pôr-do-sol remete ao fim de uma viagem, assim como numa viagem em que o viajante se orienta pelo sol, o fim do dia marca a pausa na mesma. Mas como não está sinalizado que a imagem é de um pôr-do-sol, e o texto da capa posterior convida o leitor para uma viagem, a imagem pode ser interpretada como um nascer-do-sol. Também é uma interpretação válida, visto que a imagem é consideravelmente mais polissêmica que um texto verbal.

A disposição dos boxes no “Plataforma de Embarque” (subcapítulo “História da imigração polonesa para o Brasil”) segue, ao máximo possível, o princípio de usar as zonas de máxima atenção visual (canto superior esquerdo e canto inferior direito das páginas). A colorização dos boxes também tem sua razão de ser: fatos negativos para os poloneses da Polônia e do Brasil são realçados em caixas de texto de cor cinza, e fatos positivos para os poloneses (mesmo que sejam negativos para outros grupos de pessoas e organizações) são apresentados em caixas de texto azuis.

E recorrendo ao vocabulário da linguagem visual, se pode dizer que o emprego de boxes consiste em dar ênfase a apenas um elemento num fundo essencialmente neutro. Ou seja, a sutil quebra da neutralidade é um recurso para vencer a resistência inicial do leitor diante de um texto compacto e sem ancoramento em imagens, como o do primeiro subcapítulo do livro (História da imigração polonesa para o Brasil).

Na falta de imagens gerais da imigração polonesa para o Brasil, optou-se por guardar as imagens fotográficas para o subcapítulo 1.3 (História das antigas colônias). Até porque, elas são específicas da história das colônias polonesas do oeste de Curitiba.

4. Construção textual do livro-reportagem *Em Busca da Polônia Perdida*

O tipo de livro-reportagem praticado neste TCC será o livro-reportagem-viagem. Conforme PEREIRA LIMA (1993) Ele aborda uma região geográfica específica, com o objetivo de traçar o quadro social, histórico e humano de uma região.

Assim, se diferencia da reportagem turística, por exigir esforço de pesquisa em Sociologia e/ou História, por exemplo, e não apenas habilidade para realizar entrevistas. Ou seja, o jornalista que pretende se aventurar nesta vertente de livro-reportagem deve ter noções básicas de pesquisa em ciências humanas.

Neste caso específico, a noção já começou a ser adquirida, num trabalho de conclusão de disciplina em Sociologia Urbana, do mesmo autor do livro-reportagem *Em Busca da Polônia Perdida*. Em setembro de 2002, o escritor deste livro entrevistou uma família de descendentes de imigrantes ucranianos e poloneses, que moram no bairro curitibano de São Miguel. Essa entrevista/pesquisa foi elaborada com arcabouço teórico e vocabulário característicos das Ciências Sociais. A pesquisa feita naquela época teve natureza principalmente qualitativa, e analisou as diferenças entre campo e cidade, no contexto de uma região que está em transição do campo para a cidade. O que se tem no livro-reportagem, é uma modificação da pesquisa, que adquiriu uma linguagem coloquial-literária.

É um livro reportagem principalmente de viagem, mas com traços de perfil. Os miniperfis servirão para esboçar os entrevistados, que são atores importantes no processo de construção espacial da região abordada.

Pela rápida abordagem das relações geralmente conflituosas entre colonos e descendentes, e o poder público, se pode dizer que esse livro-reportagem tem traços de livro-reportagem-denúncia.

A única parte onde o livro tem uma seqüência narrativa propriamente dita, é em seu início, onde aborda a situação da Polônia na época da imigração, e os primeiros tempos dos imigrantes aqui no Brasil (“Plataforma de Embarque”). Aí, a narração é feita em 3ª pessoa.

No restante da obra, é feita uma descrição (permeada pela narração) do que foi realizado num determinado dia de trabalho de campo, no espírito do que FENIANOS fez em *O Urbanauta (Curitiba)*. Mas sempre procurando centrar o livro nas informações levantadas, e não na viagem “rurbana” do autor de *Em Busca da Polônia Perdida*, por mais que a narrativa passe a ser em 1ª pessoa.

Três níveis temporais estarão presentes: o atual (durante o qual será elaborado o livro), o período de vida dos entrevistados, e o período que vai de meados do século XIX (durante o qual foram geradas as causas da imigração polonesa para o Brasil) até hoje.

O fato crucial, é a fundação das colônias polonesas no oeste de Curitiba. Logo, o livro não estará comprometido com a atualidade restrita (característica do jornalismo periódico), em sua primeira parte (“Plataforma de Embarque”). O que é contemporâneo (que traz repercussões para o presente) neste fato crucial, é o fato de ainda se ter características rurais nos bairros que serão abordados no trabalho.

O livro-reportagem será dividido em duas partes:

Na primeira, a história da imigração polonesa (principalmente para o Brasil, e especialmente para o Paraná), bem como das antigas colônias do oeste de Curitiba, é contada no formato de reportagens tradicionais (com “lead” e pirâmide invertida). Na segunda, serão

mostradas as impressões do repórter (descendente de poloneses), a respeito do encontro entre “cidade (características brasileiras urbanas)” e “colônia (características rurais polonesas), que vem acontecendo nestes bairros. Nesta parte, a angulação será pessoal e francamente opinativa.

CONCLUSÃO

Ao longo da elaboração do livro-reportagem, a exigência de entrevistar somente pessoas que ainda morassem perto do rio/represa do Passaúna, teve que ser flexibilizada para abranger conteúdos da tradição polonesa (culinária), que passariam quase em branco ao longo da obra, se não fosse por esta flexibilização. Outros continuaram pouco aprofundados, como as canções polonesas.

Como uma lacuna que pode ser preenchida, fica a questão da transcrição literal de mais falas dos entrevistados, cujas declarações talvez tenham permanecido como discurso indireto numa frequência superior à ideal. Com vistas ao aprimoramento do elemento denunciativo do livro-reportagem, poderiam ser feitas entrevistas com agentes do poder público. Mas: este aprofundamento é requisito para a abertura desta obra ao público em geral? Ou esta difusão da obra pode acontecer em seu estágio atual, abrindo-se um canal de comunicação com os leitores, para que estes sugiram os possíveis aprimoramentos?

A presente fundamentação teórica teve como fim, apenas resumir a história das relações entre jornalismo e literatura, e explicar os tipos de narrativas possíveis dentro do âmbito da reportagem e do livro-reportagem em si. E situar *Em Busca da Polônia Perdida* dentro das categorias conceituais já existentes. Não foi a meta, fundar um novo tipo de narrativa dentro do Jornalismo Literário, nem um novo tipo de livro-reportagem. Até porque, a dificuldade de encaixar o texto das Estações em um dos tipos de reportagem conhecidos, talvez se deva principalmente à falta de habilidade do autor, em utilizar ao máximo os recursos dos tipos de reportagem mencionados por SODRÉ. Quanto ao trânsito da obra entre várias categorias de livro-reportagem, isto já faz parte da própria fluidez das classificações dos tipos de livro-reportagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FENIANOS, Eduardo Emilio. *“Orleans, São Miguel, Augusta, Riviera – A Polônia Curitibana”* – Coleção Bairros de Curitiba. Curitiba, Editora UniverCidade, 2000

FENIANOS, Eduardo Emilio. *“O Urbanauta (Curitiba) – Manual de Sobrevivência na Selva Urbana”* - Curitiba, Editora UniverCidade, 1998

LIMA, Edvaldo Pereira. *“Páginas ampliadas – O livro reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura”* – Campinas, Editora da Unicamp, 1993

MARTINS FILHO, Plínio; PIRES FERREIRA, Jerusa; GUINSBURG, Jacó; BOCCHINI, Maria Otilia. *“LIVROS, EDITORAS E PROJETOS”* – São Bernardo do Campo, Ateliê Editorial, 1997

OLINTO, Antonio. *“Jornalismo e Literatura”* – Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E DO ESPORTE *“Cadernos do Patrimônio”* – Curitiba, 1986

SODRÉ Muniz; FERRARI, Maria Helena. *“Técnicas de reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística”* – São Paulo, Summus Editorial, 1986

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *“O Camponês Polonês no Brasil”* — Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1981

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *“Orleans - Um século de subsistência”* - Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1976

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *“Tomás Coelho – Uma comunidade camponesa”* - Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1976